

III - FUMAÇAS ANTIGAS NUBLAM O EVANGELHO DE SARAMAGO

Por: Selma Ferraz A. de Oliveira

Unitermos: Desconstrução e tradição: Saramago e a APE; Prêmio Postumo; alumbramento poético; lapsos e vácuos; A última tentação de Cristo; Scorsese e Kazantzakis; O Evangelho e as primeiras críticas; Inquisição e Censura.

Resumo...: O presente artigo faz um levantamento das primeiras impressões e discussões que o livro "O Evangelho Segundo Jesus Cristo" causou no meio literário e teológico de Portugal.

"Eu não creio em Deus. Mas, se Deus existe para os outros, existe também para mim."

José Saramago

OS EVANGELHOS SEGUNDO JESUS CRISTO E A INQUISIÇÃO PORTUGUESA

"A Bíblia é a grande matriz da literatura ocidental"

Northrop Frye

O século XX, entre muitas facetas, trouxe algo de novo para a Teologia e para a Literatura: a quebra, o rompimento, a réplica do texto bíblico, milenarmente envolto por uma aura sagrada. "O abalo intelectual chega ao século xx, quando a história científica despedaça impiedosamente o texto evagélico (que deixou de ser sagrado) com as armas da crítica comparativa, histórica, arqueológica, fisiológica, literária." (20,p. 10)

A literatura moderna seguiu os mesmos passos da história científica. Especificamente no caso de Portugal, muito antes de José Saramago, outros escritores já haviam enveredado pelo caminho da desconstrução do texto bíblico. Chamamos aqui Fernando Pessoa e José Régio:

"Tinha fugido do céu.

Era nosso demais para fingir

De segunda pessoa da Trindade

No céu era tudo falso, tudo em desacordo.

Diz-se muito mal de Deus

Diz que ele é um velho estúpido e doente.

Sempre a escarrar no chão

E a dizer indecências.

A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.

E o Espírito Santo coça-se com o bico

E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.

**Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.
Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou
"Se é que ele as criou, do que duvido"**

**E depois, cansado de dizer mal de Deus,
O menino Jesus adormece nos meus braços
E eu os levo-o ao colo para casa."**

(11, p.144)

Nem a crítica literária e tão pouco os teólogos portugueses condenaram Fernando Pessoa à execração ou ao silêncio por causa deste texto que descontrói a Trindade de uma maneira irreverente, satírica e herética. A crítica literária centralizou-se em problemas complexos de sua vida e obra, tal como a temática dos heterônimos. Fernando Pessoa possuía motivos abundantes para ser criticado pela Igreja Católica Portuguesa, pois além dos textos profanos, o mesmo chegou a admitir ser ele o "Enviado", a "Reencarnação de D. Sebastião", uma espécie de outro Cristo, de supracristo.

**"Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe.
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo."**

(14, p.134)

José Régio quebra por completo a estrutura maniqueísta construída em cima de Deus e do Diabo e polêmica alguma se originou por causa desta abordagem.

Não é mérito exclusivo da literatura portuguesa moderna a descentralização do texto bíblico. Se voltarmos ao realismo veremos Eça de Queiroz dando sua contribuição através de seus contos:

"Então começaram, para nossos Pais, os dias abomináveis no paraíso."
(18, p.75)

Podemos deduzir que faz parte da tradição da Literatura Portuguesa, esta ruptura do texto bíblico. Começando por Eça de Queiroz, chegando em Fernando Pessoa e José Régio e culminando na reveladora e inquietante obra de José Saramago: O Evangelho Segundo Jesus Cristo.

Há de se estranhar a polêmica que o livro provocou a nível de teólogos, jesuítas, pensadores católicos ortodoxos e a condenação silenciosa por parte de um órgão oficial do governo português ao eliminar o livro do Prêmio Europeu de Literatura, por considerar que o mesmo atacava o patrimônio religioso dos portugueses.

Dentre as muitas heresias que chocaram o catolicismo ortodoxo, temos o diálogo entre Deus e o Diabo na barca:

**"...Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és...
é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como
o Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte do
outro"**

(17, p.392)

Este mesmo enunciado herético é encontrado muito antes de Saramago, na literatura italiana através de Umberto Eco no livro **"O Nome da Rosa"**:

"Assim como o príncipe das trevas foi necessário, com sua rebelião e seu desespero, para melhor refulgir a glória de Deus, princípio e fim toda esperança."

(04, p.535)

Se olharmos por esta perspectiva Saramago não inovou e sim manteve a tradição. Tradição esta que ele já explorava explicitamente em Memorial do Convento:

"E pois querendo Deus, qualquer causa de morte serve"

(p.105)

"Em cima deste valado está o diabo assistindo, pasmado da sua própria inocência e misericórdia, por nunca ter imaginado suplício assim para coroação dos castigos do seu inferno"

(p.259)

Se boa parte dos pensadores católicos ortodoxos receberam o livro **"O Evangelho Segundo Jesus Cristo"** com desconfiança, frieza e muitas discussões, a crítica literária portuguesa esbarrou não só neste livro, mas em toda a produção literária do autor, condenando-o de uma forma marcante: ao silêncio. **"Saramago era um preterido histórico do Grande Prêmio da APE... José Saramago, um dos mais conceituados e famosos escritores mundiais, tendo publicado quatro volumes entre 1982 e 1989, nunca venceu o Grande Prêmio da APE."** (23, p.08)

Esclareça-se aqui que estes quatro volumes são simplesmente "Memorial do Convento", "O Ano da Morte de Ricardo Reis", "angada de Pedra" e "História do Cerco de Lisboa."

"O subsecretário de Cultura de Portugal, Souza Lara, eliminou o livro (O Evangelho Segundo Jesus Cristo) do Prêmio Europeu de Literatura, numa concessão ao obscurantismo" (09, p. 102). Se segundo Machado de Assis "Crítica e Análises", os críticos portugueses não analisaram corretamente as obras de José Saramago, incluindo "O Evangelho Segundo Jesus Cristo". Não há outra explicação coerente para terem tornado o maior escritor vivo de Portugal e um dos maiores do mundo, da genialidade de um Camões e de um Pessoa, um "preterido histórico" e a tentativa frustrada de condenar "O Evangelho..." ao obscurantismo, numa atitude nada democrática que nos lembra o infeliz incidente ocorrido com Salman Rushdie. Por este seu ato de governo português recebeu críticas de todos os segmentos da sociedade.

Houve injustiça e a própria APE (Associação Portuguesa de Escritores reconheceu concedendo a José Saramago, o prêmio de 1991, para **"O Evangelho Segundo Jesus Cristo."** Apesar da acirrada polêmica em torno do livro a APE não tinha saída, não podia preterir-lo pela quinta vez. Na realidade o prêmio não era bem para esta obra. Era uma espécie de premiação póstuma a todo o conjunto de obras de escritor. Não era Saramago quem precisava do prêmio, pois o silêncio português colaborou para uma explosão de traduções no mundo todo (Espanha, Itália, França, Estados Unidos). Era a APE quem precisava do nome de José Saramago para se redimir de um erro histórico e literário e para dar maior credibilidade às próximas premiações.

Interessante observar que o juri da APE concedeu o prêmio, mas a vitória foi apertada: 3x2. Salvato Trigo que não votou em Saramago pronunciou: **"Não escolhi O**

Evangelho Segundo Jesus Cristo, porque esperava do livro a apresentação de uma tese ou de questões que abalassem a civilização judaico-cristã. O livro criou expectativa que não consumou." Embora se respeite a opinião do crítico, somos tentados a duvidar do seu conhecimento de hermenêutica, exegese, cristologia e homilética.

No mesmo ano em que recebia esta espécie de **"Prêmio Póstumo"** concedido pela APE, Saramago era premiado na Itália com o **"Prêmio Internacional Ennio Flaiano"**, no valor de 10 milhões de liras atribuído ao romance **"Levantados do Chão"** de 1980. A APE acabou caindo no ridículo de só em 1991 premiar um escritor que há doze anos só produzia **"bestsellers" imediatamente traduzidas em todas línguas.**" (12, p.10)

Houve injustiça por parte da crítica, que o digam os depoimentos abaixo:

"E uma justiça que se pratica no campo especificamente literário e é de saudar com alegria e entusiasmo."

David-Morão-Ferreira

"Admito que o prêmio teria, talvez, sido mais justo se tivesse sido atribuído anteriormente."

Mário Cláudio

"A atribuição do prêmio da APE a José Saramago é um acto de justiça que já tardava."

Oscar Lopes

O que há de se entender é que Saramago trata a tessitura bíblica como literatura em detrimento de texto sagrado. **"O Evangelho Segundo Jesus Cristo"** é uma obra de ficção e não teológica, não se trata de mais uma versão da bíblia. Em todo o livro há um "alumbramento poético" (21, p.90), um "oásis de grande poesia" (12, p.10) que teriam que ser consideradas literariamente e acima das questões que esbarravam na fé católica.

Num dos diálogos entre Jesus e Maria Madalena temos um dos momentos poéticos mais lindos de todo o livro. Maria Madalena diz: **"Olharei a tua sombra se não quiseres que te olhe a ti"**, ao que Cristo responde: **"Quero estar onde minha sombra estiver, se lá é que estiverem os teus olhos."**

Se Haroldo de Campos na sua tradução do Eclesiastes do Hebraico conseguiu um prodígio: não aborreceu aos céticos, nem scandalizou os católicos, o mesmo não aconteceu com Saramago. Nem católicos, nem céticos, nem críticos, conseguiram ver **"O Evangelho"** somente como obra literária envolta numa aura de poesia.

"A história dos livros é a história da réplica, e esta se desenrola entre a imitação (réplica do original) e a refutação (réplica ao original)" (08, p.15). Seria meio perigoso enquadrar a obra de Saramago dentro desta definição, pois a obra nem replica, nem refuta. Não há quebra no sentido exato da palavra, o que ocorre é que Saramago se utiliza de vácuos, do que não foi dito pelos Evangelistas, o que chamaríamos de criação interlacunar e a partir daí constrói sua narrativa. Comprova-se isto na própria fala de Saramago:

"Quando digo corrigir a História, não é no sentido de corrigir os factos da História, pois essa nunca poderia ser tarefa do romancista, mas sim de se introduzir nela pequenos cartuchos que façam explodir o que até então parecia indiscutível: por outras palavras, substituir o que foi pelo que poderia ter sido." (18, p.19)

E eis duas lacunas que Saramago se utiliza esplendidamente e que fascinam os leitores: a relação amorosa entre Cristo e Madalena e a morte de José na cruz. O caso amoroso entre Cristo e Madalena foi tirado de uma deixa dos relatos evangélicos, conforme o autor: **"A primeira pessoa a quem Cristo aparece, depois de ressuscitar é Maria de Magdala. Para isso era preciso que Jesus tivesse tido com ela, em vida, uma relação muito particular."** (21, p.94)

Por outro lado Saramago é acusado pelos tradicionalistas católicos de ter maculado a imagem de São José. As escrituras relatam que José sabia da matança dos inocentes de Belém. O vácuo que sobra daí, é que José não fez absolutamente nada para salvá-las. Saramago se aproveita disso e cria um José covarde que carrega uma culpa eterna sobre as costas, atormentado por pesadelos horríveis. Se José bíblico teve uma vida insignificante, o de Saramago teve uma trajetória marcante, se aquele desaparece misteriosamente dos relatos bíblicos, este é crucificado aos 33 anos, numa descrição apoteótica, que lembra o final de Spartakus.

A problemática religiosa em torno do livro, nasce porque o autor **"...esclarece questões e factos insofismáveis dos Evangelhos anteriores: porque repõe e sublinha aberta e corajosamente algumas duras verdades que a Igreja ortodoxa, na sua eterna irracionalidade, recusa aceitar..."** (05, p.13)

Nikos Kazantzakis em 1951 no seu livro **"A Última Tentação"** e posteriormente **"A Última Tentação de Cristo"** de Martin Scorsese baseado no primeiro, já haviam utilizado esta técnica de montar suas narrativas a partir de lacunas das narrativas bíblicas.

As escrituras narram a dramaticidade da agonia de Cristo na Cruz. Scorsese a partir deste referencial cria um sonho para Cristo. Neste sonho, Cristo abandona a cruz, mantém uma relação sexual com Madalena, depois casa-se com Marta e com Maria, irmãs de Lázaro, tem filhos, envelhece como qualquer mortal.

Embora o filme viesse precedido da menção: **"não se trata de uma interpretação do Evangelho, mas de uma obra de ficção, ela própria inspirada no romance de Nikos Kazantzakis"** (15, p.11), isto não foi o suficiente para convencer o mundo religioso. **"O próprio filme constitui uma tentação que convém afastar"** (15, p.11). O filme provocou uma acirrada polémica, por causa do caráter fraco, doentio, quase neurótico que Scorsese dá ao seu Cristo. O fato de que no final do filme, Cristo acorda do seu sonho e sente-se feliz por estar pendurado na cruz cumprindo a sua missão, não foi considerado.

O livro do escritor grego Nikos Kazantzakis também sofreu discriminações violentas: **"A Igreja grega condena-o como herético, o Estado grago acusa-o de comunista... Vai-se mesmo ao ponto de decretar que suas obras sejam queimadas em lugar público."** (15, p.11)

Mas o que levaria escritores e cineastas de culturas as mas diversas possíveis a se debruçarem sobre um tema tão problemático? E a resposta vem automaticamente: o eterno conflito entre humanidade e a divindade de Cristo. Desde que foram escritos, os Evangelhos davam margem a inúmeras interpretações deste assunto, até que o Concílio de Calcedônia (451 DC) sentenciou-se em definição complicada: **"...que Cristo era verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, união do divino e do humano, mas sem confusão."** (20, p.10)

Esta afirmação, abstrata por demais, só poderia ser aceita pela fé e por mais de um milênio deixou margens para que a figura de Cristo variasse, adquirindo uma certa plasticidade, ora mais homem, ora mais Deus. Eis aí o veio rico para a Literatura do Século XX - questionar o caráter divino e humano de Cristo.

Nikos Kazantzakis, Martin Scorsese, Fernando Pessoa e José Saramago

exploraram este veio, criando uma imagem de Cristo demasiadamente humana, sujeito às mesmas tentações dos seres humanos, não tentação **"em assência"** como defendem os teólogos, mas tentação **"em carne e osso"**.

"O motivo principal da narrativa é, entretanto a figura de Cristo e se por um lado, a sua vida é desmistificada, ao ser humanizado através de episódios tão comuns aos mais comum do ser humano... por outro, a sua figura, através da contínua enfatização do maravilhoso, continua a ser a de alguém, que se eleva acima da raça humana, mas que não chega a categoria de Deus." (05, p.13)

Eis o centro das discussões geradas. O Cristo de Saramago se sobrepõe aos humanos, mas não chega a ser um Deus, como Cristo dos Evangelhos que paira acima do bem e do mal. Se tantos evangelistas contaram a história de Cristo, só agora 1991 anos após a sua morte, Cristo teve a oportunidade de contar a sua própria história através de José Saramago.

E é a partir dos vácuos e lapsos já citados que Saramago cria os personagens Cristo e Deus. O seu Cristo quer viver como um simples mortal, nascer, crescer, casar e morrer; se opõe drasticamente ao projeto da crucificação, por fazer parte dos planos ditatoriais de seu pai, para expansão da religião judaica.

Quando cria a imagem, a figura de um Deus vilão, mal, cruel, Saramago não está criando do nada, nem replica, nem imita. Sendo o Deus do Novo Testamento o mesmo do Velho Testamento, Saramago se baseia por exemplo num episódio por demais esquisito do Velho Testamento: Deus ordenando a Abraão que sacrificasse o seu único filho.

A cena de Jesus dos Evangelhos Sagrados suando sangue e numa agonia crucial proferindo as célebres palavras: **"Pai, se é possível, passe de mim, este cálice, porém não seja, como eu quero, e sim como tu queres"** (S. Mateus 26:39); inspiram em Saramago a Criação deste Deus cruel e explodem em outras frases geniais do livro: **"É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue."** (17, p.391). Quem afirma isto é o próprio demônio.

Se Fernando Pessoa satirizou a Trindade, se José Régio uniu Deus e o Diabo, se Nikos Kazantzakis e Martin Scorsese humanizaram a figura de Cristo, Saramago por outro lado com **"uma prodigiosa imaginação"**, pois não **"é autor de fazer romance do nada, ou de apenas alguns fiapos da História"**, criou **"fabulações assombrosas"** (21, p.91): reconstruiu Maria, José, Madalena, Cristo, não ressuscitou Lázaro e desconstruiu de uma vez por todas o caráter santo e imaculado de Deus.

E é justamente por causa destas **"fabulações assombrosas"** e a utilização e manipulação espetacular das lacunas dos evangelhos bíblicos que Saramago amargou condenação ferrenha por parte da Igreja Católica portuguesa:

"...escritor ateu e comunista impenitente que elaborou uma delirante vida de Cristo que resultou num livro blasfemo, espezinhador da verdade histórica e difamador das maiores personagens do Novo Testamento e por isto, insultuoso para os Cristãos crentes." (24, p.20)

"...um romance não pode vilipendiar, enxovalhar e caluniar... a difamação e a calúnia é crime punível na generalidade dos códigos penais." (24, p.20)

Baseado no depoimento acima e na leitura de outros artigos de jornais portugueses, discordamos com o ensaísta Hamilton Santos, quando diz que a Igreja

Católica Portuguesa foi mais branda com Saramago para evitar que ele se tornasse **"mais um mártir cultural"** (16, p.01). A verdade é que Saramago passou pelo mesmo crivo inquisitorial por que passaram Kazantzakis, Scorsese e Godard com o filme **"Je vous Salue Marie"**.

"O Evangelho segundo Saramago tem dado o que falar: é criticado pela gravidade, pela sua falsidade, pela sua secularidade;" (05, p.13)

"Neste aspecto, embora se possa considerar o romance de Saramago como herético - o que não deve ser tomado em conta como condicionante do valor de uma obra literária, muitos outros vêm reforçar a mensagem do cristianismo (não direi do catolicismo), na medida em que o amor, a resignação, a bondade, a generosidade, o espírito de sacrifício e de martírio, além da visão prática da realidade, mesmo a mais mesquinha, se nos impõe de forma irrefutável e até comovedoramente dolorosa." (02, p.10)

Mas provocou também, em todos os níveis, discussões a que o autor, ...não se furtou, conjugada, porém com uma estranha humildade que o levava a procurar, ou aceitar, o confronto com interlocutores, seus opositores ideológicos: teólogos, jesuítas, pensadores católicos, ortodoxos. (12, p.10)

"Peço menos desde as traduções de Mateus, Marcos, Lucas e João, os evangelistas oficiais da Igreja, que ainda e sempre têm a oferecer aos leitores, religioso ou não, seu sabor antigo e primordial, não há noidioma português história de Jesus mais bem escrita" (21, p.90)

"No entanto, a culpa paira sempre sobre as páginas deste livro" (05, p.13)

Este ar de Inquisição e Censura que pairou sobre o livro quando do seu lançamento em Portugal em novembro de 1991 e que seis meses após, ainda persiste, talvez se deva ao fato de que a **"Inquisição é um tema tristemente actual pela herança de violência que legou à época contemporânea."** (10, p.117)

Absurdamente as fogueiras insistem em arder em pleno século XX. Se a literatura portuguesa deste século redescobriu um veio de ouro para a produção de sua obras: a reescritura dos textos bíblicos; é espantoso perceber que uma fumaça muito conhecida e antiga ainda nubla o céu português. Fumaça esta que se tornou densa sobre o livro de Saramago.

Infelizmente, as fumaças, as fogueiras não pairam e não ardem somente em Portugal. O livro **"Versos Satânicos"** de Salman Rushdie sofre uma espécie de Inquisição mundial. O silêncio que se formou ao redor da sua obra é algo ridículo para o século XX. No Brasil, não se conhece até hoje uma tradução do livro, condenado e sentenciado em 1989, pelo aiatolá Khomeini, do Irã, que considerou a obra ofensiva aos princípios islâmicos. Por esta sentença o escritor foi condenado à morte. **"Eis aí um dos episódios mais dramáticos da literatura"** (09, p.102)

Este ar enfumaçado oriundo da velha fogueira portuguesa, não tinha motivo para se instalar sobre a obra de Saramago, uma vez que seu Cristo, nasce numa manjedoura, vive no deserto, possui discípulos, realiza milagres, conhece sua missão e principalmente: é crucificado. Mesmo contando o que não foi contado, Saramago acaba

mantendo o que havia sido contado: Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

"Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano, como se leva o cordeiro ao sacrifício, que sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio, e (...) clamou para o céu aberto onde Deus sofria, Homens Perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez." Eis aí magistral heresia do sagrado ateu: José Saramago.

"No Evangelho, o ateu investe contra a religião e contra os deuses, esses seres cruéis, profissionais da manipulação do pecado e do sentimento de culpa. Mas há um religioso que espreita e salva com terna complacência, por acreditar nelas, essas figuras frágeis e indefesas que são os seres humanos." (21, p.96)

Saramago compreendeu, mais do que nenhum escritor português, a profundidade desta frase de Umberto Eco: **"Porque a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade."**

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Haroldo de. Maratona entre versos (artigo), Revista Veja, Editora Abril, São Paulo, 06.02.91.

CARVALHO, Fausto Lopo de. Um Cristo muito mais cristão (artigo), Jornal de Letras, Lisboa, Portugal, 23.06.92.

DACOSTA, Fernando. Um Evangelho de referência (artigo), Jornal de Letras, Lisboa, Portugal, 23.06.92.

ECO, Umberto. O Nome da Rosa, Editora Record Rio de Janeiro, 1986.

GOMES, Antonio Martins. A Última Tentação de Sarmago (artigo), Jornal de Letras, Lisboa, Portugal, 28.01.92.

ASSIS, Machado de., Joaquim Maria. O Ideal do Crítico (artigo) in: Obra Completa, Aguilar, Volume III.

MISERANI, Samir. Saramago Reiventa a História de Cristo (artigo). Seção Cultural, Revista Nova Escola, Editora Abril, Junho de 1992.

MOISES, Leyla Perrone. Texto, Crítica, Escritura - Ensaios, Editora Àtica, São Paulo, 1978.

MONTIBELLO, Edoardo. Intelectuais se Acovardam (artigo), Seção Ponto de Vista, Revista Veja, Editora Abril, São Paulo, 15.07.92.

PEREIRA, Paulo. Inquisição: Entre História e Ficção na Narrativa Portuguesa (artigo). Colóquio de Letras, número 120, Lisboa, Portugal, Abril, Junho de 1991.

PESSOA, Fernando. O Eu Profundo e Os Outros Eus. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.

PICCHO, Luciana Stegagno. Um Evangelho Concebido com Paixão. (artigo). Jornal de

QUEIROZ, Eça. Adão e Eva no Paraíso (conto). Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.

REGIO, José, Poemas de Deus e o Diabo.

ROMAN, Philippe. Cristo na América (artigo). Jornal de Letras, Lisboa, Portugal, 20.09.88.

SANTOS, Hamilton. "Falta Democracia Cultural..." (artigo). O Estado de São Paulo. Caderno 2 - nº 2.017, 17.08.92.

SARAMAGO, José. O Evangelho Segundo Jesus Cristo. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

_____. História e Ficção/Viagens através do Tempo (artigos). Jornal de Letras, Lisboa, 18.04.89.

_____. Nos Meus Livros Fala-se de Gente Concreta que Somos Nós (artigo), Jornal de Letras Lisboa, 18.04.89.

SCHLEGEL, Jean Lois. A História do Homem-Deus (artigo). Jornal de Letras, Lisboa, Portugal, 20.09.88.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Cristo e o Deus Cruel (artigo). Revista Veja, Edição 1207, Editora Abrii, São Paulo, Novembro de 1991.

VIÇOSO, Civto. Desafio Ambicioso de Saramago (artigo). Jornal de Letras, Lisboa, Portugal, 23.06.92.

S/Autor. "O Evangelho Segundo Jesus Cristo" galardoado pela APE (artigo). Jornal de Letras, Lisboa, Portugal, 23.06.92.

S/Autor. "Arcebispo de Braga "Excomunga" "Evangelho" de José Saramago (artigo). Correio do Milho, nº 1432 - Série VI, Portugal, 25.05.92.